

## **EDUCAÇÃO, CONSUMO E TÉCNICA NA PÓS-MODERNIDADE**

### **Editorial do vol. 5 n. 9 do Cadernos Zygmunt Bauman**

**Hugo Estevam Moraes de Sousa<sup>1</sup>**

A dinâmica do consumo em que está imersa a sociedade contemporânea afeta os mais diversos setores da vida, desde o âmbito das relações pessoais, em grande parte fluidas e superficiais, até ao ponto de atingir a própria educação. O conhecimento tornou-se também objeto do mercado consumidor, sendo instrumentalizado na medida em que auxilia a aquisição de bens e propriedades, ou descartado quando não cumpre um objetivo que lhe é estranho, porém imposto pela cultura atual. Este quadro corrobora para uma decadência cada vez maior nas produções intelectuais, já que a originalidade de ideias provenientes de uma busca pelo conhecimento em si mesmo concede espaço para o mercado financeiro e as determinações de grandes corporações focadas somente no aprimoramento técnico: vocações promissoras inclusive nas áreas matemáticas e das ciências naturais perdem a própria autonomia para tornarem as suas pesquisas totalmente dependentes dos financiadores que exigem somente avanços tecnológicos para aumentar o lucro com a venda de novos produtos. Talvez uma das consequências mais graves desse panorama apareça na crise ambiental que, mesmo existindo, ainda assim torna-se alvo de uma educação a serviço do mercado que apresenta novos paradigmas, como o da sustentabilidade aliada ao consumo de produtos supostamente fabricados de maneira sustentável, para tentar manter um modo de vida totalmente incompatível com a natureza.

O quadro apresentado acima decorre de um histórico do século XX. O desenvolvimento das grandes cidades, por exemplo, foi marcado pelo avanço técnico no setor público, como iluminação e transportes, até atingir o patamar da vida privada nas residências. Este progresso esteve muitas vezes associado à qualidade de vida e, por isso, não é estranho pensar que educação, consumo e técnica estejam unidas na dinâmica atual: a aliança entre essas três é sinônimo de qualidade de vida. Todavia, talvez seja antes do século XX que estejam as raízes do consumo. A filosofia política moderna preocupou-se com os conflitos individuais em torno da propriedade. É o que se verifica no pensamento político de Kant que estabelece o Estado justo como sendo aquele que assegura a propriedade privada a fim de garantir a liberdade individual. Ora, a história do século XIX revela a gradativa concretização deste projeto político, preparando, assim, o terreno para o advento e crescimento de um consumo com segurança.

---

<sup>1</sup> Mestre em Filosofia pelo PPGF - UFRJ. Doutorando em Filosofia pelo PPGF - UFRJ.